

# **AS LINGUAGENS E A ADOÇÃO DE TECNOLOGIAS NO MEIO RURAL**

Ana Cláudia Peters Salgado, mestranda, UFJF  
Roberto Alves Monteiro, PhD, UFJF  
José Luiz Bellini Leite, PhD, EMBRAPA

## **Resumo**

Focalizamos nesse estudo etnográfico as linguagens que permeiam a vida cotidiana de um grupo de produtores rurais familiares, nos seus espaços de vivências e em suas relações sociais. Um conceito básico neste trabalho é o de que ao compreendermos as linguagens dos agricultores e as relações de poder em que se articulam, poderemos compreender seus processos identitários. A questão de investigação neste projeto é formulada em termos de compreendermos como o agricultor percebe, interpreta e descreve sua realidade. Trata-se, portanto, de compreender como ele sabe, como ele quer, como ele faz, e como articula os ditos com que comunica estas dimensões. Com tais questões e procedimentos faremos uma tentativa de caracterizar um conjunto significativo de restrições que perpassam o modo de produzir deste grupo de agricultores familiares com a finalidade de subsidiar empresas de pesquisa e extensão rural. Pretendemos oferecer a elas informações de caráter qualitativo, que lhes permitam refinar sua compreensão dos efeitos, na renda e na produtividade dos produtores considerados de agricultura familiar, de componentes tais como: 1) mudança tecnológica; 2) alocação de recursos; 3) diversificação da produção; 4) inserção na cadeia produtiva e 5) a rede de relacionamento sociocultural no bojo da qual se insere o processo decisório de agricultores familiares. .

## **Abstract**

This ethnographic study has its focus on the languages present in the every day life of family rural producers in the spaces of their social relationships. A basic concept in this study is that throughout the comprehension of the languages of the producers and the power relationships within which they articulate, it is possible to understand their identification processes. The question of investigation here is formulated in terms of understanding how the rural producer perceives, interprets and describe their reality. It means, to understand how this producer knows, wants, does, and uses the language. With these questions and procedures, it will be constructed a meaningful set of restrictions that characterizes the way of production of this group of family rural producers, to provide qualitative answers to the agricultural research and rural extension enterprises, in order to enable them to understand the effects on the rural productivity of components such as: 1) technological changes; 2) allocation of resources; 3) diversification of the production; 4) insertion in the productive chain and 5) the sociocultural relationship net in which the decision process of the family rural producers is inserted.

## **INTRODUÇÃO**

Esse trabalho tem como objetivo compreender, através de uma abordagem etnográfica, a realidade do pequeno produtor rural da região de Juiz de Fora, Minas Gerais, realizando uma investigação cujo foco são os vários fios que formam a tessitura da realidade desse produtor rural. Assim, conhecendo as linguagens, a vida cotidiana, a história, as relações de poder, as relações com a educação formal e com as demais instituições presentes no Povoado de Água Limpa (nome fictício do povoado estudado), no Município de Coronel Pacheco, Minas Gerais, pensamos ser possível por à mostra a trama com a qual se urdem as identidades desses produtores rurais. A estrutura conceitual de que nos servimos decorre de uma leitura da situação

da produção leiteira (e agrícola, em geral) dessas pequenas propriedades. Mas não é nossa intenção uma definição do perfil desse produtor e de sua produção. Nossas questões básicas são: 1º) quais são as linguagens desses grupos de agricultores familiares, entre membros de um mesmo grupo e desses grupos com outras esferas sociais?; 2º) como essas linguagens permeiam as relações de poder que se articulam nesses grupos, entre eles, e entre eles e outros grupamentos sociais?; e 3º) como se dá o processo de construção de suas identidades de agricultores com base nas linguagens presentes no contexto de investigação?

Pretendemos com esse estudo oferecer subsídios às empresas de pesquisa, extensão e produção de leite, em termos de informações de caráter qualitativo, que lhes permitam refinar sua compreensão dos efeitos, na renda e na produtividade dos produtores de leite considerados de agricultura familiar, de componentes tais como: 1) mudança tecnológica; 2) alocação de recursos; 3) diversificação da produção; 4) inserção na cadeia produtiva, bem como 5) a rede de relacionamento sócio cultural no bojo da qual se inserem seus processos decisórios. A região produtora estudada tem em Juiz de Fora seu pólo de industrialização e de comércio do leite produzido.

Neste estudo assumimos que estudos quantitativos podem explicar algumas variáveis responsáveis pela situação de produção de leite nessa e em outras regiões<sup>1</sup>, mas a opção por uma pesquisa etnográfica, de abordagem qualitativa, se deve ao interesse em compreender componentes sociais antes de explicá-los por estatísticas, e modelos teóricos. O presumido é o de que a dimensão qualitativa será relevante para iluminar eventuais pretensões explicativas exercitadas por metodologias quantitativas como é a prática corrente nas instituições indicadas acima.

No estudo que ora apresentamos, focalizamos questões ligadas às linguagens dos contextos de produção, comércio e beneficiamento do leite, e procuramos, então, compreender, com base nessas linguagens, como o produtor rural familiar percebe sua realidade de produtor inserida numa cadeia produtiva e como se percebe nela. Nas propriedades de características familiares, objeto deste estudo, a produção de leite constitui importante fonte de renda devido à liquidez dos investimentos, ao fluxo de caixa devido aos recebimentos mensais e à fonte segura de alimentação. Mas o leite não constitui a única fonte de renda e de alimentação dessas famílias de produtores. A diversificação da produção dessas propriedades familiares é uma de suas principais características.

## MOTIVAÇÃO DESSE ESTUDO

A partir de uma parceria estabelecida entre pesquisadores da EMBRAPA – Gado de Leite e do GRUPESQ – Grupo de Pesquisa e Estudos Qualitativos – da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, sentimo-nos motivados a realizar um estudo exploratório de estabelecimentos de agricultura familiar no sistema agroindustrial do leite dando concretude desta forma aos aspectos qualitativos do *método multidimensional* proposto por LEITE & MONTEIRO (2003).

Como já foi dito, focalizamos as várias linguagens com que os produtores se articulam no decurso da produção, da comercialização e do beneficiamento do leite produzido na região estudada. Ao estudar essas linguagens, procuramos compreender os caminhos pelos quais se dá a adoção ou não de novas tecnologias na produção de leite pelos agricultores familiares da região estudada. Assumimos que as várias linguagens presentes – a forma culta, a linguagem autêntica dos produtores, a linguagem do pesquisador de novas tecnologias e a linguagem do extensionista rural – bem como o entrecruzamento dessas linguagens, são elementos importantes para a compreensão da realidade deste e de outros grupos de produtores rurais.

Em assonância com o dito acima, MONTEIRO (1998) cita Clifford Geertz (1989, p.38):

---

<sup>1</sup> Para informações mais detalhadas acerca de dados quantitativos analisados sobre a produção leiteira e agronegócio do leite e sobre agricultura familiar sugerimos a leitura de LEITE, J. L. B. & MONTEIRO, R.A. (2003).

“em etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo – isto é, sobre o papel da cultura na vida humana”. No ponto de vista de MONTEIRO (1998, p.11), é necessário ao pesquisador:

... dispor de uma estrutura conceitual sólida, em termos de sua constituição, mas ao mesmo tempo flexível, em termos de abertura para o devir da observação. Sem isto ele pode estar despreparado para alcançar o objetivo da etnografia: ‘tirar grandes conclusões a partir de fatos pequenos, mas densamente entrelaçados; apoiar amplas afirmativas sobre o papel da cultura na construção da vida coletiva empenhando-as exatamente em especificações complexas (GEERTZ, 1989, p.38).(MONTEIRO, 1998, p.11)

E é exatamente esse empreendimento – compreender o todo a partir de pequenos fatos do dia-a-dia – a proposta de estudo que serve de base a esse texto.

## **METODOLOGIA**

Realizamos uma observação participante com o grupo de produtores em tela. Esta opção foi baseada na tipologia registrada por ATKINSON & HAMMERSLEY (1994, p.248 citando GOLD (1958) e JUNKER (1960): “observador completo, observador como participante, participante como observador, e completo participante”. Para esses autores, a observação participante não é uma técnica de pesquisa particular, mas um modo de “ser-no-mundo” característico dos pesquisadores etnográficos. Dessa forma, durante as entrevistas procuramos uma intersubjetividade com o produtor rural que entrevistávamos, até mesmo ao ajudá-lo algumas vezes em seu trabalho cotidiano. Evitamos formalizar os momentos das entrevistas e elas aconteceram em momentos de ordenha no curral, consertando uma cerca, apartando bezerros, vacinando gado, cortando banana, vendendo na feira, fazendo doces, torrando café, etc.

Seguindo o preceito de que pela etnografia, o que fazemos é exercer uma interpretação plausível das manifestações lingüísticas, ideológicas, culturais e sociais, doravante chamaremos as evidências que suportam o que aprendemos de “dados construídos”. Tais dados foram, pois, construídos através de visitas às propriedades dos agricultores familiares, sujeitos da pesquisa, que proporcionaram entrevistas não-estruturadas e compartilhamento de saberes. Essas interações foram gravadas em áudio, a maior parte das vezes; em fotografias, muitas vezes; em filmes, algumas vezes.

## **ETNOGRAFIA VISUAL**

Neste estudo fizemos uma sistemática utilização da fotografia. Em consonância com GURAN (2000) o procedimento utilizado foi o de uma pesquisa antropológica – baseada principalmente na observação participante, entrevistas, história de vida e de família e nos estudos de caso – na qual a fotografia desempenhou um papel privilegiado como instrumento de pesquisa e de apresentação das conclusões. Esse papel privilegiado da fotografia deve-se principalmente ao fato de que, não só fotografamos os eventos dos quais participamos, mas procuramos oferecer aos sujeitos dessa pesquisa a oportunidade de eles mesmos se fotografarem, fotografarem seus “pertences”, suas propriedades e sua família e tudo o que mais lhes é relevante tornando-se eles próprios os protagonistas do ato fotográfico.

De posse dessas fotografias reveladas, voltamos até eles com o intuito de em sua perspectiva, compreender o porquê de terem registrado tais eventos, partindo daí, para mais uma vez compreender suas visões de realidade. Isso porque, como bem observou GURAN (2000, p. 12 e 13) “o mais importante talvez seja que a documentação fotográfica pressupõe uma postura e um estado de espírito face à realidade que são diferentes daqueles normalmente requisitados pela pesquisa antropológica.”

Ainda, no entender de HARPER (1994) a nova etnografia busca “redefinir a relação entre pesquisador e o sujeito pesquisado” em direção a um “modelo ideal” que pressupõe colaboração ao invés do sentido tradicional da pesquisa como uma via de mão única para o fluxo de informação, “do sujeito para o pesquisador nos termos e em termos desse pesquisador”

(HARPER, 1994, p. 410). Para esse autor, a técnica da “Foto Elisão” promete ser uma alternativa particularmente interessante para a colaboração na pesquisa, ou seja, o pesquisador deixa prevalecer (quando omite o seu olhar) o olhar do sujeito quando este é evocado:

Quando o indivíduo fotografado (ou o indivíduo do mundo fotografado) interpreta a imagem, um diálogo é gerado no qual os típicos papéis na pesquisa se invertem. O pesquisador passa a ser o ouvinte e deve encorajar a continuidade do diálogo a fim de que o indivíduo que descreve as imagens seja convencido de que aquilo que ele entende como a ‘verdade’ daquelas imagens somente naquele momento será compartilhado com o pesquisador. (HARPER, 1994, p.410)

É ainda de HARPER (1994) que recolhemos a proposição de que a representação visual nos ajuda a aprender sobre nós mesmos, a nos comunicar com os outros mas “fundamentalmente, as imagens nos permitem nos expressar de forma que não pode ser feita por palavras: conseqüentemente, imagens alargam nossa consciência e as possibilidades para nossa sociologia.” (HARPER, 1994).

## **TECNOLOGIA E OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE EM ÁGUA LIMPA**

Tecnologia é um desses termos usados pelas pessoas de forma a não deixar dúvidas sobre o quê elas estão falando. Quando falamos em tecnologia, ou adoção de tecnologia parece que não há o que se discutir sobre o que isso quer dizer. A impressão que se tem é que esse conceito é de domínio público e que, qualquer uso que possa ser feito dele não deixará margem a dúvidas ou questionamentos.

O conceito de tecnologia, ou antes, o desenvolvimento de tecnologias, a adoção delas e o seu uso, também sugerem “inovação”, “desenvolvimento econômico e social”. E tecnologia se transforma, então, numa palavra mágica que impõe uma mudança numa realidade com a garantia de desenvolvimento. Contudo, entre a geração de uma tecnologia e sua incorporação à vida cotidiana, está o indivíduo impregnado de seu *modus vivendi*, de suas relações sociais, de sua cultura e de sua identidade. O que pode significar que adotar uma tecnologia é acatar uma mudança cultural e identitária.

Qualquer mudança, ainda que possa indicar desenvolvimento econômico ou social, aponta para uma imprevisibilidade na vida cotidiana do indivíduo: imprevisibilidade na criação ou adoção de uma nova cultura e no que de ainda mais desconhecido essa nova cultura suscitará. Surge daí o medo da mudança, a insegurança do novo caminho a percorrer e a incerteza do futuro. Ora, tecnologia é um conceito justamente impregnado da idéia de futuro.

Se a imprevisibilidade do futuro dissemina o temor, a certeza do passado ao menos garante o presente. É assim que o homem do campo pensa quando afirma: “O que acabou com a produção de leite nessa região foi o tal de gado holandês! Esse gado quebrou o produtor” (Seu José Mota, Nota de Campo Expandida nº 025, de 06/09/2003<sup>2</sup>) o que num primeiro momento parece ser um contra-senso, mas procurando compreender através dos olhos desse produtor, o gado da raça holandesa, por sua pouca rusticidade, não se adapta a quaisquer tipos de relevo e pastagem e exige cuidados especiais por parte do produtor. Tais cuidados, por sua vez, implicam em “gastos” ou despesas maiores: carrapaticida, complemento nutricional etc. Gastos que, provavelmente, um gado “pé-duro” (termo usado para designar o gado de raça indefinida), mais rústico, não exigiria, apesar do baixo retorno em produtividade. Mas, o que pude constatar pelas entrevistas é que o produtor familiar de leite está menos preocupado com produtividade que com produção regular a baixo custo. Essa preocupação coletiva é, pois, cultural.

Aqui pode estar uma chave para compreendermos como pode se dar a adoção de tecnologia no meio rural: ao invés de ditar o uso de uma dada tecnologia, as instituições que se propõem a gerá-las poderiam concebê-las como projetos. Um projeto conjunto entre a instituição geradora e o grupo de indivíduos a adotá-la. Através de um investimento coletivo

---

<sup>2</sup> Esta expressão Nota de Campo Expandida nº 025, de 06/09/2003 decorre da codificação das anotações de um pesquisador em sua pesquisa de campo adotada pelos pesquisadores do GRUPESQ

pode ser possível obter dos próprios grupos a transformação de aspectos culturais destes grupos. Ações isoladas de geração de tecnologia, como por exemplo a pesquisa feita nos intramuros dos centros geradores de tecnologia, pode estar fadada ao insucesso ou seu arquivamento por tempo indeterminado. Por outro lado, também, a adoção de uma tecnologia por somente uns poucos indivíduos pertencentes a um grupo pode proporcionar a exclusão desses indivíduos e a divisão da coletividade. Em outras palavras, o mesmo grupo social que assegura aos seus membros seus direitos de pertencimento e de compartilhamento cultural, poderá excluir (aquele ou aqueles) indivíduos que ameacem o bem estar do grupo e a certeza da vida cotidiana com qualquer imprevisibilidade futura que venha percebida como parte de uma nova tecnologia.

Além disso, um projeto coletivo de geração e adoção de tecnologia sugere um momento anterior que é o levantamento das necessidades do grupo e o reconhecimento da competência e das condições de atuação da instituição de pesquisa que irá gerar essa tecnologia. E esse projeto coletivo se desenhará como um mapa, que não só aponta os caminhos, mas os pontos de origem e de destino daqueles que por eles passam.

A seguir procuramos explorar melhor este tema adotando uma dimensão educacional como base para a discussão.

## **UM PROJETO COLETIVO COM A PROPOSTA DE ALFABETIZAÇÃO TECNOLÓGICA**

Paulo Freire fala de uma prática de alfabetização a partir do vocabulário popular, selecionando algumas palavras básicas em termos de sua frequência ou relevância como significação vivida e tipo de complexidade fonêmica: “pois elas são decisivas para o alfabetizando descobrir as sílabas (...) a palavra jamais pode ser vista como um ‘dado’ (ou como uma doação do educador para o educando) mas é sempre, e essencialmente, um tema de debate para todos os participantes do círculo de cultura”. (FREIRE, 1980, p.5).

Essa proposta de Freire destina-se à alfabetização de adultos que estão em disjunção com o texto escrito. Seguindo a construção dessa proposta de Freire, pode-se pensar sobre um caminho para melhorar a comunicação/intercomunicação entre as empresas geradoras de tecnologias para o meio rural - no caso específico, então, para os produtores inseridos na cadeia produtiva do leite - a partir do conhecimento por parte dessas empresas, do produtor e sua realidade. Ou seja, essas empresas, ao se apresentarem como geradoras de tecnologia, e não nos parece que esse título lhes basta, hão de se questionar sobre para quê, para quem e com que finalidade uma ou outra tecnologia é gerada. Se a finalidade é o desenvolvimento e a melhoria da qualidade do leite produzido pelos produtores rurais familiares, então essas empresas geradoras de tecnologia devem conhecer esse produtor em seu contexto e com seu contexto de produção.

No caminho sugerido por FREIRE (1980), conhecer a linguagem desse produtor é, pois, de fundamental importância e não seria ambicioso demais um projeto que se propusesse a:

- 1) conhecer o vocabulário do grupo de produtores com quem trabalha: apreendendo “os vocábulos mais carregados de sentido existencial e, por isso, de maior conteúdo emocional, mas também os falares típicos do povo. Suas expressões particulares, vocábulos ligados à experiência dos grupos, de que a profissional é parte.” (p. 112)
- 2) selecionar dentre o vocabulário levantado aquelas palavras que tenham maior riqueza fônica e teor pragmático “que implica numa maior pluralidade de engajamento da palavra numa dada realidade social, cultural, política, etc.” (p. 113)
- 3) criar situações existenciais típicas do grupo com quem se vai trabalhar. Essas situações serão desafios ao grupo. São situações-problema que serão trabalhadas conjuntamente e decodificadas pelo grupo. O debate em torno delas levará ao conhecimento crítico e consciente da tecnologia a ser adotada ou não.
- 4) elaborar roteiros que possam mapear as ações das empresas geradoras de tecnologias
- 5) fazer registro escrito das propostas de mudanças tecnológicas nascidas da

intercomunicação entre as instâncias envolvidas no processo de produção de tecnologia para a produção de leite. E, como vimos, o produtor rural é o agente principal dessa fase.

A alfabetização tecnológica do produtor rural deve capacitá-lo a construir sua identidade de produtor rural a partir de suas interações na vida cotidiana.

## **TENTANDO CONCLUIR**

Ao desenvolver esse etnográfico procuramos descrever a vida cotidiana de um grupo social constituído de produtores familiares da região de Juiz de Fora, entendendo esse grupo social como um terminal nervoso de redes mais amplas de relações. Assumimos desde o início a posição de que o estudo de grupos sociais permite compreender as dimensões sociais e culturais que subjazem aos sistemas políticos, econômicos e legais. SALGADO (2004) apresenta uma discussão mais abrangente dos processos de construção de identidade desse grupo social estudado e das intra-relações e inter-relações que eles estabelecem em sua cotidianidade.

A finalidade de nosso empreendimento é oferecer subsídios às empresas de pesquisa e extensão rural, em termos de informações de caráter qualitativo, que lhes permitam refinar sua compreensão de características da inserção dos produtores considerados de agricultura familiar na cadeia produtiva do agronegócio do leite. Por agora, mesmo que esta pesquisa ainda esteja em andamento, podemos adiantar que esse processo produtivo se ressentia muito mais de um profissional educador – seja ele agrônomo, técnico ou pesquisador – que da tecnologia, propriamente dita. A transformação tecnológica de um grupamento social foi antevista como possível por FREIRE (1977) em sua mensagem aos agrônomos chilenos quando os convocava a se tornarem verdadeiros educadores. Com esta mensagem concluímos este texto:

Este, sim, é o trabalho autêntico do agrônomo como educador, do agrônomo como um especialista, que atua com outros homens sobre a realidade que os mediatiza. Não lhe cabe, portanto, de uma perspectiva realmente humanista, estender suas técnicas, entregá-las, prescrevê-las; não lhe cabe persuadir nem fazer dos camponeses o papel em branco para sua propaganda. Como educador, se recusa a ‘domesticação’ dos homens, sua tarefa corresponde ao conceito de comunicação, não ao de extensão. (FREIRE, 1977, p.24)

**Palavras-chaves:** Pesquisa com abordagem qualitativa, etnografia, grupos de agricultura familiar.

## **BIBLIOGRAFIA:**

ATKINSON, Paul & HAMMERSLEY, Martin. *Ethnography and Participant Observation*. In: DENZIN, Norman K. & LINCOLN, Yvonna S. *Handbook of Qualitative Research*. London: Sage Publications, Inc, 1994.

FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. São Paulo: Ed. Paz e Terra S.A., 1980.

\_\_\_\_\_. *Extensão ou Comunicação*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1977.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora LTC S.A., 1989.

\_\_\_\_\_. *O Saber Local*. Petrópolis: Vozes, 2000. 3ª ed.

GURAN, Milton. *Agudás: os “brasileiros” do Benin*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Editora Gama Filho, 2000.

HARPER, Douglas. On the Authority of the Image: visual methods at the crossroads. In: DENZIN, Norman K. & LINCOLN, Yvonna S. *Handbook of Qualitative Research*. London: Sage Publications, Inc, 1994.

LEITE, J. L. B. & MONTEIRO, R. A. *Produção de leite em economia familiar: algumas questões de teoria e método*. Texto a ser publicado pela Revista da Embrapa – CNPGL, jan/fev 2003.

MONTEIRO, R.A. (org.) *Fazendo e Aprendendo Pesquisa Qualitativa em Educação*. Juiz de

Fora: FEME Edições, 1998.

SALGADO, Ana Cláudia Peters. *Abrindo portas, construindo diálogos – compreendendo realidades*. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: Programa de Pós-graduação em Educação da UFJF, 2004.

Ana Cláudia Peters Salgado – email: [ana.peters@ufjf.edu.br](mailto:ana.peters@ufjf.edu.br)

José Luiz Bellini Leite – email: [bellini@cnpgl.embrapa.br](mailto:bellini@cnpgl.embrapa.br)

Roberto Alves Monteiro – email: [ramonteiro@acessa.com](mailto:ramonteiro@acessa.com)